

# Processo de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil

Maria Lucia Leitão de Almeida\*

## Resumo

---

Estudo dos anguladores em português do Brasil, sob a ótica da teoria dos espaços mentais, focalizando sobretudo o processo de mesclagem promovido por essa categoria linguística na construção do significado.

---

## 1. Anguladores: elementos de reconceptualização

Instigantes questões balizam a reflexão de Putnam (1992) sobre a intencionalidade do pensamento e da referência, como, por exemplo, da impossibilidade de as formas do pensamento poderem, por si mesmas, representar algo.

Tal indagação pode-se, com certeza, estender às possibilidades das línguas. Estruturas e palavras significam por si próprias? Qual o papel do sujeito na produção do sentido? E qual a interferência do ambiente e da cultura?

À busca destas respostas, são empreendidas análises linguísticas em corpus interativo, para que seja possível capturar mecanismos de produção de significado "on line".

Quando se fala em interação, está-se falando de processo, de pragmática, de língua em uso. Nesta, há uma categoria de itens lexicais, inespecificados nas gramáticas de língua portuguesa (há compêndios gramaticais do inglês que a citam, como Quirk, por exemplo), que exerce importante papel na interação: os anguladores (hedges, em inglês).

Os anguladores constituem-se num conjunto híbrido de palavras (verbos, locuções prepositivas e adverbiais, adjetivos) que têm em comum, do ponto de vista semântico, o fato de introduzirem taxa de flexibilização expressiva

---

\* Professora Adjunta do Departamento de Língua Portuguesa da UFRJ.

ao item escapado, produzindo sua reconceptualização; quer seja o item um termo, quer uma proposição.

A análise de grande número de anguladores em língua portuguesa mostrou que seu papel, no fluxo discursivo, é exercer a função de enquadre: os anguladores são elementos (conectores, em termos de Fauconnier, 1984; 1997) que promovem o mapeamento de um domínio (ou elemento de um domínio) em outro domínio (ou elemento de outro domínio).

Assim, o estudo dos anguladores, a descrição de seu papel no fluxo discursivo e sua contribuição específica na construção do significado, no âmbito do trabalho do grupo de pesquisa “Gramática & Cognição”, devem contribuir para que sejam alcançados os objetivos descritos a seguir.

## 2. De considerações e objetivos gerais:

A questão de como a linguagem significa e de qual a natureza da relação entre linguagem e mundo tem atravessado o pensamento ocidental desde a antiguidade clássica, consubstanciada em discussões sempre renovadas, que trazem na base o realismo em termos platônicos e aristotélicos e o nominalismo, em termos, sobretudo, de Guilherme de Occam.

É inevitável que no âmbito dos estudos semânticos e no bojo dessas reflexões encontrem-se presentes hipóteses concernentes a questões básicas. Uma dessas diz respeito à autonomia, ou não, da estrutura semântica em relação à estrutura gramatical. A tese de tal autonomia, por exemplo, foi defendida por Frege, cuja teoria, apesar de inegável contribuição aos estudos do significado, não apresenta possibilidades de se tratar fenômenos comuns às línguas naturais, como gramaticalização entre outros.

Outras dizem respeito às relações entre referência, verdade e existência fazendo proliferar na literatura especializada diferentes análises e conclusões, nunca definitivas, sobre frases construídas do tipo: “O rei de França é calvo” (Strawson, Givón, 1991).

Essas questões, apesar de muito gerais e pinçadas daqui e dali, apontam que a semântica objetivista não vem conseguindo oferecer instrumental teórico e analítico suficiente para se tratar satisfatoriamente de fenômeno complexo como é o caso de representação mental provocada pela utilização de língua natural.

A filosofia contemporânea vem discutindo, como não poderia deixar de ser, tal caso.

Putnam (1992, p. 38), ao tratar desse assunto, sugere que se considerem “... as pré-condições para pensar em ,representar, referir-se a, etc...”. Essas pré-condições da referência, conforme o autor, são também do pensamento, “pré-condições incorporadas na natureza das nossas próprias mentes, embora (como Kant esperava) inteiramente independentes de assunções empíricas” (p. 39). Ele baseia esta afirmativa em dois argumentos:

- (a) que “as teorias mágicas” de referência são falsas, entendendo como “teorias mágicas” aquelas segundo as quais certas representações mentais se referem necessariamente a certas coisas e gêneros de coisas exteriores;
- (b) que não é possível referir-se a certas espécies de coisas, e. g. árvores, se de todo não houver interação causal com ela ou com coisas que permitam descrevê-la.

Essas reflexões de Putnam importam por continuarem a discussão clássica entre linguagem e mundo, por um lado, mas, por outro, por traçar o novo paradigma filosófico em que se inserem perspectivas teóricas, hipóteses e objetivos gerais dessa análise.

No trabalho de Putnam, certas dicotomias tradicionais são desfeitas e eliminadas as fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, o empírico e o teórico.

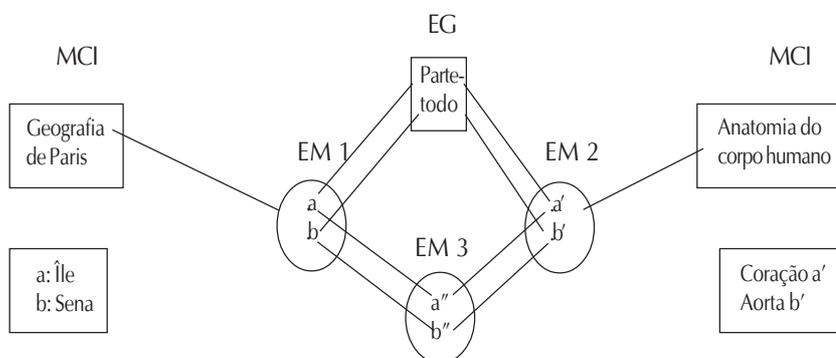
Da mesma forma, no quadro geral da Língua Cognitiva não há separação rígida entre os chamados componente semântico e componente pragmático, como não há independência entre estrutura gramatical e estrutura semântica e há hipótese geral que liga o funcionamento da linguagem ao funcionamento do princípio operativo do pensamento.

Fauconnier (1997, p. 2) afirma mesmo que a única faculdade cognitiva humana é a de produzir transferência e processar significados que se realizam através de mapeamento entre domínios e, que o “objetivo maior da lingüística cognitiva é especificar construção de significado, suas operações, seus domínios, e como eles estão refletidos na linguagem”

A tarefa para cumprimento desse objetivo maior tem sido realizada por um grupo de lingüistas como Sweetser e Turner, além do próprio Fauconnier, (para citar apenas alguns que com essa teoria trabalham no EEUU), que têm especificado e descrito a construção do significado através de estudo e análise de elementos caracterizadores da estrutura do inglês, como tempo, modo, por exemplo, entre muitos outros. Tal é feito, utilizando-se a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1984), que é uma poderosa teoria de referência, absolutamente adequada para se tratar de fenômenos de significação em língua natural, e só de língua natural, como as que envolvem continuação de metáfora em sentenças se/então (por exemplo: Se a Île de France é o coração de Paris, então o Sena é a sua aorta)

A idéia é simples: espaços mentais são domínios que possuem referentes ligados a outros por conectores (e que podem ser funções pragmáticas ou outra função de acesso como analogia) e que são estruturados por MCIs (modelos cognitivos idealizados – Lakoff, 1987) advindos da experiência humana no mundo.

No caso da frase acima, a análise seria:



Ou seja, para se conceptualizar o que a sentença declara parte-se de dois espaços de input (EM 1 e EM 2) que são criados por ativação lexical e estruturados respectivamente por MCIs “geografia de Paris” e “anatomia do corpo humano”. O mapeamento dos elementos pertencentes aos espaços inputs elicita o espaço genérico que reflete aspectos comuns a ambos, mais abstratos, e define o mapeamento central que há entre eles, que, no caso é a relação parte-todo.

A frase em questão mapeia elementos de um domínio em outros de outro domínio, mas o mapeamento é parcial em termos de propriedades projetadas. A contraparte do Sena, por exemplo, não está sendo projetada com suas águas sujas e “bateaux” que cruzam o rio, e sim apenas nos aspectos definidos no espaço genérico. Daí, o significado ser, na realidade, produto de mescla (definido no espaço EM 3) e possuir ele mesmo uma estrutura emergente que lhe é própria.

A importância do processo de mescla refletido na linguagem como resultado de um processo conceptual é evidenciado por Fauconnier (1984) através da análise do uso extensivo da expressão vírus para certos programas computacionais assim como da série de palavras e expressões associadas: vacinas, contaminação, computadores doentes, entre outras.

Mas, à importância desse processo, Fauconnier soma a necessidade de estudo mais detalhado de seus mecanismos de operação, já que a mescla pode ocorrer tanto no nível dos MCIs, quanto dos espaços mentais, quanto das construções gramaticais.

### 3. Anguladores

#### 3.1 Revisão da Literatura

Trabalho clássico sobre o assunto “anguladores” (hedges) foi feito por Lakoff (1972), que descreve esta classe como composta por itens lexicais que permitem ao falante expressar o grau de filiação de uma entidade a determinada categoria.

Por exemplo:

(1) Um pardal é um pássaro *por excelência*.

(2) *Amplamente falando*, o telefone faz parte da mobília.

(3) FH é *um tipo de* candidato.

Em (1) por excelência reestrutura a categoria pássaro fazendo supor que existam propriedades que definem melhor a classe; em contrapartida em (2) amplamente falando aponta a flexibilização da fronteira categorial de mobília e em (3) um tipo de decompõe a categoria candidato em várias propriedades.

Em função dessas observações, Lakoff propõe tipologia para os anguladores baseado no tipo de propriedade elicitada:

Hedges:	Tipologia	[centrais periféricos
---------	-----------	--------------------------

Vale ainda ressaltar que, neste mesmo trabalho, Lakoff chama atenção para o angulador *very* (muito), frisando que sobre ele deve ser feita análise cuidadosa.

Kay (1997), em trabalho também básico sobre o assunto, retoma exemplo de Lakoff (1972) – A baleia é um tipo de peixe - divergindo em relação a classificar esta locução prepositiva como angulador e afirmando que a questão central dos anguladores não é o ajuste de entidade à categoria em termos de atuação sobre propriedades. Crucialmente, os anguladores seriam elementos lingüísticos que, quando usados (e por isso seriam usados) suspenderiam as exigências no que concerne ao valor de verdade e condições de verdade da proposição por eles escopada. Exemplifica com a possibilidade de conceituado antropólogo, respondendo à pergunta sobre a origem do ser humano, poder responder, sem afetar sua reputação:

*Amplamente falando*, o primeiro homem nasceu no Quênia.

O angulador livraria o antropólogo de compromisso com a veracidade da afirmação no que diz respeito, por exemplo, a não haver Quênia à época. Nesse sentido, o angulador seria importante recurso pragmático nas interações e Kay sugere, então, que sejam estudados à luz do senso comum – sistema de crenças, conhecimentos e sentimentos refletidos no uso da língua nativa, que se reflete sobre qualquer léxico natural implicando uma conceptualização estruturada sobre os mundos a que aquele léxico se refere.

Em outro artigo sobre anguladores, o mesmo Kay vai debruçar-se sobre o uso de *the kind of* e *the sort of* em várias construções do inglês e sugere que haja duas descrições necessárias para estudo dessa classe:

— em nível sintático, porque os anguladores apresentam distribuição e regras gramaticais específicas que devem agrupá-los em categoria à parte;

– em nível semântico, porque os anguladores possuem natureza inerentemente metalingüística.

Ao final do paper, Kay separa os usos adverbiais das expressões estudadas dos seus usos como anguladores, concluindo que, em nível sintático, o angulador “pode ocorrer à esquerda de qualquer Xi, formando com ela um constituinte do tipo Xi, no qual X pertence {N,V,A,P,Adv,S}: Xi HXi (X pertence {N,V,A, P,S})” e, em nível semântico, o angulador provoca o desvio da denotação da palavra.

Nesta mesma linha de separar usos adverbiais de usos de angulador, Kay analisa even e a kind of divergindo, novamente, do trabalho de Lakoff (1972). Há ainda alguns outros trabalhos que pouca contribuição trazem à análise e descrição de como essa classe de palavra opera na língua, como trabalho de Tannen e de Chafe & Daniels (1990).

Merece ainda comentário a menção que Fauconnier, em seu primeiro livro (1984; XI), faz aos anguladores como elementos construtores de espaço mental.

### 3.2 Primeiros resultados sobre anguladores:

O que esta rápida revisão da literatura sobre anguladores em inglês pretendeu mostrar é que esses operadores têm sido assunto controverso sob os seguintes aspectos:

- (a) categorial;
- (b) semântico;
- (c) discursivo.

Para tentar contribuir com o conhecimento dos anguladores, trabalhei, num primeiro momento, no sentido de buscar captar regularidades que permitissem defini-los como categoria lingüística, analisando-os sob os aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos.

A idéia que precede a análise é a de que, bem de acordo com o senso popular, para um conjunto de elementos formarem uma categoria, os elementos têm de partilhar propriedades em comum mas, como disse Lakoff (1987, p. 5) “that is a small part of the story”. O resto da história é que categorias se formam levando-se em conta também aspectos não partilhados, que pode haver um elemento central que expresse mais propriedades da categoria e outros que irão se afastar mais ou menos desse centro (Lakoff, 1987). Trabalha-se, pois, com a noção de radialidade categorial, hipotetizada como a mais adequada para tratar conjunto híbrido de itens lexicais (como é o do anguladores), provenientes de diversas classes de palavras.

Dado o aspecto comum (apesar de diferenças individuais) de os anguladores serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo, proponho que os anguladores sejam tratados como sub-categoria da Modalidade, que passa também a ser entendida como categoria radial.

Vale, aqui, registrar que a análise ora apresentada não desconsiderou o fato de os anguladores poderem expressar, crucialmente, ou um comentário sobre a expressão lingüística por eles escopada, ou uma observação que revele uma visão particular sobre uma dada entidade.

No primeiro caso, tem-se realizações como:

7) "**Grosso modo**", o governo bota em prática a política de Terceira Via.

8) Capitu é **mais** Capitu.

Em (7) o angulador "grosso modo" indica que o enunciador teria mais o que falar, ou que ele tem consciência de que a proposição não recobre adequadamente o que quer significar, entre outras possibilidades. Entretanto, em qualquer dos casos, o angulador aponta a insuficiência da expressão lingüística. É, portanto, um comentário metalingüístico.

Contrariamente em (8), Machado de Assis não está sinalizando para a pobreza da codificação, mas sim apontando propriedade básica (de modo impreciso) que caracteriza Capitu. É, portanto, comentário lingüístico.

Seja de um ou outro modo, os anguladores são operadores de modalidade.

Tomando então por base o trabalho de Lakoff (1972) e a observação e análise de anguladores em português, propus (Almeida, 1997) a seguinte tipologia, em função do efeito do angulador nas propriedades do item escopado.

#### **Tipologia**

Anguladores decomposicionais: de certa forma, a maior parte de,...

Anguladores de propriedades essenciais: fundamentalmente,...

Anguladores analógicos: outras, mesmas,...

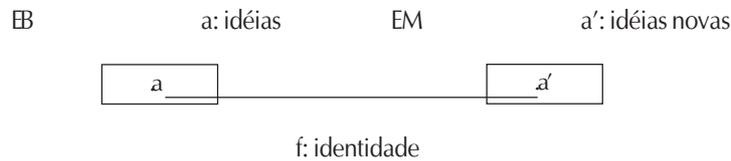
Anguladores de propriedades periféricas: teoricamente, especificamente,...

Anguladores de propriedades quantitativas: quase, muito, até...

Trabalhava aqui então com a noção, conforme sugerido pelo próprio Fauconnier, de que os anguladores seriam construtores de espaço mental.

As análises eram feitas conforme exemplificado a seguir:

(4) Obrigado, Sr. Governador Leonel Brizola, por ter trazido suas idéias de certa maneira novas (repórter de TV)



O angulador “*de certa maneira*” acionaria a abertura do espaço mental para a contraparte de idéia (idéia nova) estruturado pelo MCI “conhecimento das gestões de Leonel Brizola e seu desempenho na economia e história política do Brasil”. Além disso, o fato de o angulador, no caso, conforme tipologia anterior, ser um angulador de decomposição, atingiria escala de propriedades de idéias novas, possibilitando a inferência de “idéias não tão novas”.

Apesar de esse tratamento implicar um avanço na compreensão do funcionamento dos anguladores na construção do sentido do discurso (que se revelava “homogêneo” sob este aspecto também, contribuindo para ratificar a proposta de unidade categorial, inclusive para aqueles de quantidade), percebíamos que a formalização não capturava o verdadeiro funcionamento do angulador. À simplicidade de formalização soma-se, evidentemente, nesta fase do trabalho, a insuficiência de explicação para o que, em contexto específico, a contraparte significa.

Além disso, verifiquei que é possível e freqüente que itens que funcionam como anguladores exerçam também outras funções sintático-discursivas, o que aponta a polissemia existente nestas expressões.

Nos termos do trabalho empreendido por Kay, sugiro que há comportamento sintático específico de quando a forma é ou não angulador e, do ponto de vista semântico, há abstratização de sentido em relação à forma original.

- Exemplos: a) Envelhecer é uma forma de enferrujar.  
 b) O quadrado é uma forma da geometria.

Em (a) tem-se o angulador que forma constituinte com o N, funcionando neste caso como especificador nominal, com sentido mais abstrato e uso mais gramatical. (Essa análise, que trata o SP à esquerda do nome como especificador, alterando o que seria considerado o núcleo da função, encontra-se primeiramente sugerida para os casos de epíteto na Gramática, de Mira Mateus et al., (1985)

Em (b), tem-se que o substantivo forma é o núcleo do SN cabendo ao artigo indefinido e à locução adjetiva a função de modificadores. Do ponto de vista semântico, seu sentido é concreto e o uso é obviamente mais lexical.

Evidentemente que aos fatos aqui esboçados acrescentam-se outros de ordem morfossintática, que indicam ser a categoria anguladores, fruto da gramaticalização.

### 3.3 Angulador: função de enquadre

O equívoco era tratar os anguladores como simplesmente construtores de espaços mentais, quando, mais do que isso, eles exerciam a função pragmática de enquadrar (cf. proposto por Salomão) o referente provocando então a reconceptualização.

“Grosso modo”, a teoria prevê que o espaço mental é introduzido no discurso por um construtor de espaço mental (CE) e este deve ser conectado a seu espaço base, por alguma função. (F)

Assim, em termos de Fauconnier (1984, p. 19), temos os elementos descritos abaixo, que explicitam a construção do significado da sentença:

(5) Ele pensa que Maria é um anjo.

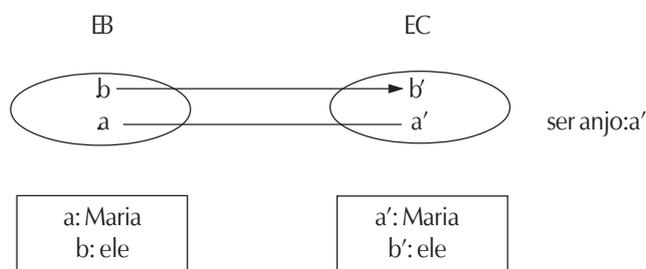
Espaço B  
Realidade do falante

Espaço M  
CE= ele pensa

Conector  
conector de imagem  
Mental.

FC: de realidade para  
Crença.

O diagrama seguinte mostra a representação, conforme proposta de formalização da Teoria dos Espaços Mentais.



Baseada nestes fundamentos teórico-descritivos, pretendo demonstrar, pois, que:

- 1) os itens lexicais que funcionam como anguladores são construtores de espaços mentais (CE);
- 2) os anguladores exercem a função pragmática de enquadre (FE).

Este papel de enquadre realizado pelos anguladores foi comentado nos seguintes termos por Salomão (1999, p. 60):

*“Um ponto interessante quanto aos anguladores é que o enquadre que eles introduzem é epistemológico: seja distinguindo entre as propriedades definidoras centrais ou periféricas de uma categoria, seja barganhando, interativamente, para falar segundo um certo ponto de vista (tecnicamente, amplamente, jocosamente, poeticamente, etc). Trata-se, portanto, de enquadres que projetam (nos termos de Talmy, 1996) modelos sobre - o- conhecimento-do-mundo, antes que modelos-do-mundo. Na verdade, anguladores são operadores de subjectication, processo segundo o qual o sujeito do discurso se introduz na cena representada...”*

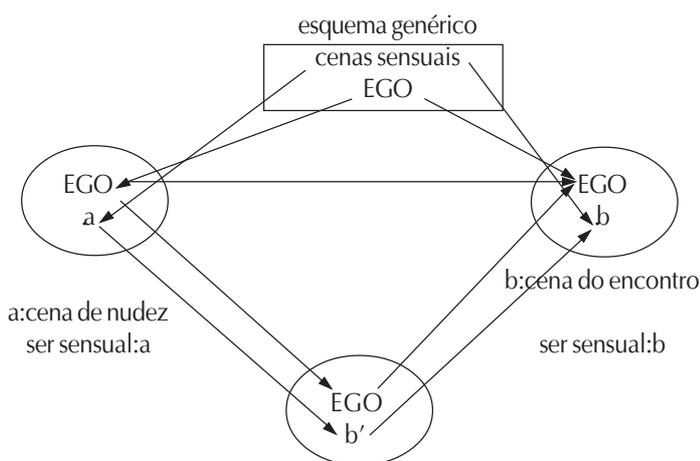
Tal função dos anguladores fica particularmente clara quando observamo-los em uso interativo, como ocorre no trecho abaixo, retirado de uma entrevista de TV:

(6) A: As cenas mais sensuais são as de nudez, não é?

B: Na verdade, a cena mais sensual é a do encontro de Hilda com o Santo.

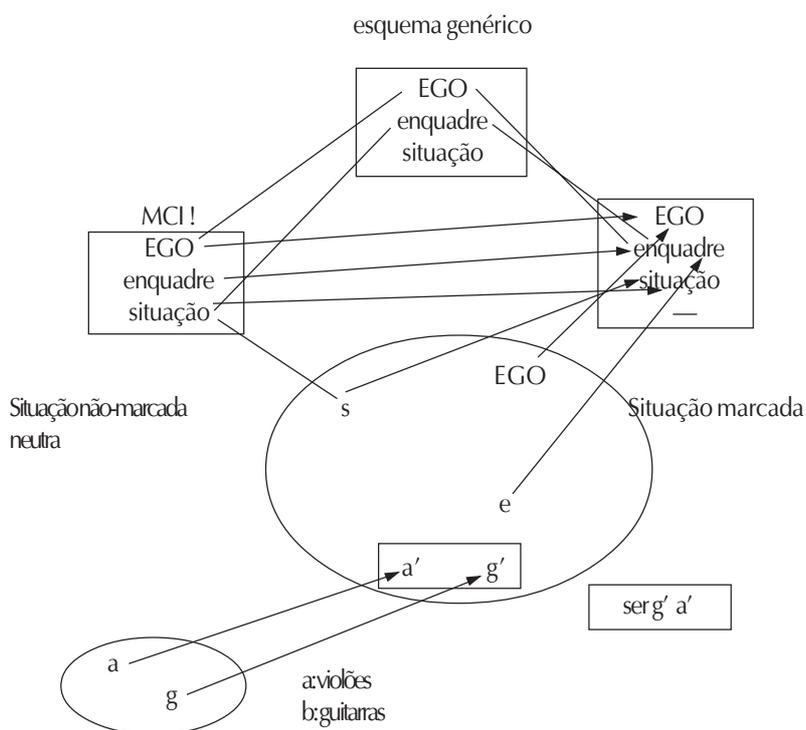
Observe-se que o operador na verdade, ao escopar a proposição por ele introduzida redefine a noção de sensualidade projetando transdominialmente aspectos do encontro e aspectos da nudez. Vale sublinhar que o falante B não nega a existência de sensualidade da nudez. O que ele faz é introduzir a mesclagem de perspectiva do qual é portador inserindo, por descrição definida, aspecto novo (cena sensual é de encontro) ao conceito-clichê (cena sensual é cena de nudez) enunciado por A, de modo linguisticamente não-específico (com marcação de plural).

Este fenômeno pode ser propriamente representado pelo diagrama abaixo:



O exemplo a seguir (7) tem em comum com o anterior (6) o fato de introduzir um novo enquadre sobre elemento referencial, que reflete a perspectiva do sujeito, mas, em (7) esse enquadre não se dá sobre algo proferido, porém sim sobre situação não-marcada, pressuposta, em que não ocorreria o angulador.

(7) Guitarras são fundamentalmente violões.



(Esta representação foi proposta, primeiramente, por Salomão, (1999, p. 63, para a frase angulada “Armínio Fraga é, praticamente, o representante de George Soros no Brasil”).

O mapeamento do elemento de um domínio em termos do outro gera o espaço genérico em que se encontram as características comuns e define a natureza do elemento presente no espaço da mescla, que é o que de fato está sendo dito.

Esta análise não tem sobre a realizada na seção anterior, apenas a vantagem de somente lidar com instrumento teórico mais fino, que é a noção de mescla e apresentar formalização mais sofisticada. Ela capta efetivamente

melhor o significado do que está sendo dito e que não é simplesmente a projeção de a sobre b, mas sim a resultante do mapeamento que implica perda de certas características existentes nos elementos que lhe servem de origem, sob certa ótica definida pelo angulador- expressão da presença do enunciador.

Além disso, esta conclusão sugere revisão de tipologia proposta para os anguladores pois análises sucessivas têm mostrado que é a especificação lexical do angulador que indica a estrutura induzida no espaço genérico. Essa especificação lexical se dá ou a partir da base, no caso de palavras derivadas como fundamentalmente, tecnicamente, estritamente, amplamente, etc. ou a partir do substantivo núcleo, no caso de locuções, quer transitivas, como um tipo de, uma forma de, um jeito de, quer intransitivas como na geral, na verdade, na realidade, etc.

Neste ponto, cabe ressaltar que quando falo de informação lexical refiro-me à informação existente no uso de palavra ou locução como angulador.

### 3.4 Anguladores: desanalogia e mescla.

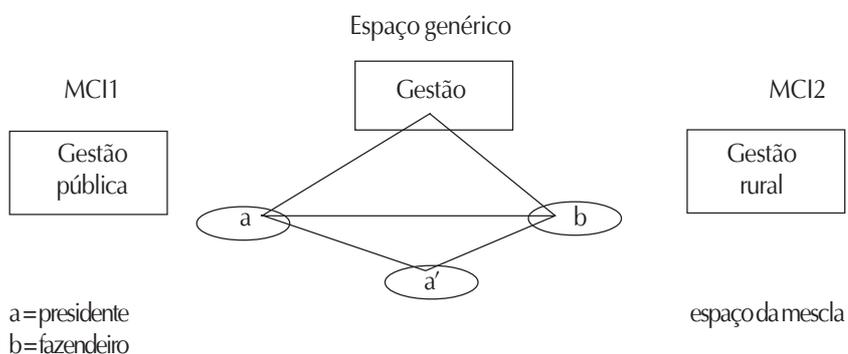
Na seção anterior, sugerimos que a informação lexical do angulador contribuiu para a formação da estrutura induzida no espaço genérico. Nesta seção procurarei mostrar que a função de enquadre desempenhada pelos anguladores gera espaços mentais de diferentes tipos, que podem envolver desanalogia e mescla.

Retomando o fato de serem os anguladores função de enquadre, cabe verificar que tipo de enquadre promovem.

A análise de frase simples como a abaixo mostra como os anguladores promovem a desanalogia.

O presidente é *um tipo* de fazendeiro.

1. Primeiro momento: realização da analogia promovida pela cópula, com mescla de fazendeiro e presidente, proporcionado pelo espaço genérico "Gestão".



Do espaço MC 1 é importada a noção de presidente como figura institucional (e não como homem, sociólogo, etc.). Do MCI 2 é importada a noção de gestão rural. O resultado da mescla, o que está sendo significado, é uma nova noção que foi criada pela frase, e com ela também tem-se mescla de MCI.

Mas, observe-se que a mescla é provocada na realidade, pela construção gramatical analógica.

O presidente é um fazendeiro.

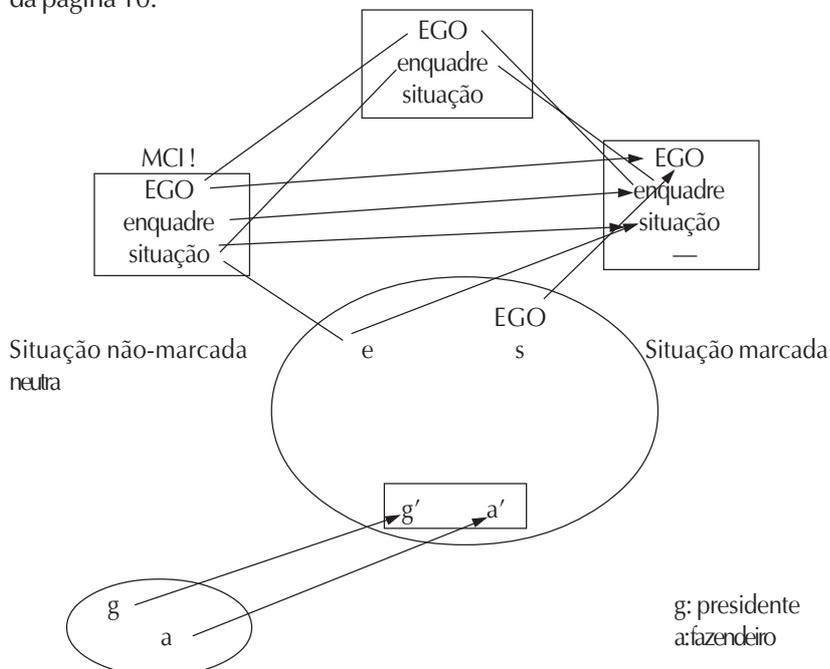
Neste caso, a mescla caracteriza-se pela importação maior de propriedades de alvo (presidente) e fonte (fazendeiro).

Tem-se então:

O segundo momento, que pode ser descrito da forma seguinte.

Ao utilizar o angulador, restringe-se a quantidades de propriedades da fonte ao mesmo tempo em que a mescla promove a desanalogia entre alvo e fonte (porque se é um tipo de, então não é verdadeiramente), dada a intromissão do comentário (lingüístico) do enunciador (EGO) sobre a situação representada (s), intromissão essa, marcada pelo “um tipo de”, que redefina o enquadre (e).

A representação, agora, deve refletir, a subjetivação introduzida sobre o enquadre e a situação, e a mescla conseqüente. Repete-se, pois, o diagrama da página 10.



Assim, parece lícito supor que a função exercida pelo angulador provoque desanalogia em relação ao resultado da mescla.

Entretanto, e evidentemente, tal fato deve ser melhor estudado, assim como deve ser verificado com que tipo de anguladores tal acontece, sob que condições discursivas e também se a estrutura dessa mescla difere da estrutura de outras, favorecidas por diferentes construções gramaticais.

### Referências Bibliográficas

- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Ms: University of California at San Diego and University de Paris, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Mental Spaces – aspects of meaning Construction in Natural Languages*. Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. & SWEETSER. *Spaces, Words and Grammar*. San Diego: Un. of California. s.d. (Manuscript).
- FAUCONNIER and TURNER. *Conceptual projection and middle spaces*. NY: Cambridge Un. Press, 1991.
- FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. In: \_\_\_\_\_. *Almanaque, Brasiliense*, 1977. p. 9-22.
- KAY, Paul. *Words and Grammar*. University Press of California, 1997.
- LAKOFF, *Hedges: a study in meaning criteria*. 1994 (mimeo).
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive Grammar*. V. I e II. Cal: Stanford Un.Press, 1992.
- SALOMÃO, M.M.M. *Processos de mesclagem*. 1999 (mimeo).
- PUTNAN, H. *Razão, Verdade e História*. Lisboa, Portugal: Publicações D. Quixote, 1981.